

O FANTÁSTICO NA LITERATURA COMO MARCA DE RENOVAÇÃO

Sandra Nunes
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo

Borges, no ensaio “El arte y la magia”, do seu livro *Discusión*, afirma que o fantástico é elemento presente desde os primórdios da literatura. De forma mais explícita ou menos, o sobrenatural já habitou as mais diversas histórias. É a partir do século XVIII, porém, que a literatura fantástica passa a ser interesse de críticos e teóricos. É neste momento, também, que um número maior de escritores acabam por adotar o gênero para suas obras.

O termo fantástico foi usado amplamente como sinônimo da literatura que se contrapunha ao realismo literário, ou mais especificamente que transgredia as leis de causalidade. Sob esta denominação encontra-se um universo: com o maravilhoso, o estranho, o sobrenatural, o inexplicável; e também um grande número de obras: *As Mil e uma Noites*, *A Queda da Casa Uscher* (Edgar A. Poe), *Aurélia* (G. Nerval), *História Universal da Infância* (Borges), *Bestiário* (J. Cortázar).

Há, ainda, as obras que saem desta classificação para se enquadrar em outra com diversos pontos de contato: o realismo maravilhoso: *Cem Anos de Solidão* (Gabriel García Marquez), *O Senhor Presidente* (Miguel Angel Asturias).

Na América Latina há uma forte tradição no gênero, principalmente na Argentina, com escritores como Horacio Quiroga, Leopoldo Lugones, Jorge Luis Borges, Adolfo Bioy Casares e Julio Cortázar.

No Brasil, apesar do fato fantástico ser encontrado nas obras de alguns escritores, não se pode afirmar que há uma forte tradição do gênero. Contudo, não se pode ignorar a presença deste. O

fantástico parece permear diversos textos da literatura brasileira a partir de Álvares de Azevedo. Vamos encontrar suas marcas em Joaquim Manuel de Macedo, Machado de Assis, Monteiro Lobato, Mário de Andrade, Érico Veríssimo, Guimarães Rosa, entre outros. E mais fortemente, na obra de escritores modernos como Murilo Rubião e Jorge Miguel Marinho.

Não se pode, também, negar a dificuldade em precisar as fronteiras deste gênero. Os contos do escritor Murilo Rubião, muitas vezes, foram chamados pela crítica de: fantástico, absurdo, realismo mágico, surrealismo, fantástico-absurdo. Fiz a opção por classificar a obra dos dois autores de fantástico, não por falta de melhor nome, como disseram Borges e Cortázar sobre seus contos, mas por acreditar que, mesmo com uma transformação do gênero, a nomenclatura pode permanecer a mesma dada aos escritos em que o medo ou o horror estava presente. O que nos interessa neste momento não é precisar o termo, mas discutir o fantástico como uma marca da modernidade nas obras de Murilo Rubião e Jorge Miguel Marinho.

Murilo Rubião é um contista singular no contexto literário brasileiro, pois com a opção pelo gênero fantástico, assume a posição de inaugurador de uma tendência literária que só encontra paralelos fora do âmbito da literatura nacional.

Apesar dos trinta anos que abrangem o período de produção literária, sua obra não aumenta muito desde a publicação do primeiro livro, *O Ex-mágico* (1945). O autor pode ser definido como um escritor que mais reescreveu do que escreveu. Alguns de seus contos sofrem alterações e aparecem transformados em outro livro. A forma de pensar muriliana coincide com seu gesto principal de escrita e reescrita. A busca pela clareza da linguagem sempre permeou o seu trabalho. Aliás, ele mesmo falará que sua pretensão é “exatamente a clareza”. Nesta tentativa de transparência e clareza, seus contos são

escritos e reescritos, somem e desaparecem. As transformações não alteram a intriga de suas histórias; o que se verifica de uma versão para outra são substituições de palavras, num sistema contínuo de permutações, que coincide com o tema central de sua obra. A metamorfose ou a modificação aparecerá como elemento forte de seus textos, levando à condenação - ou de personagens que se vêem eternamente lutando com a impossibilidade de encontrar sua própria personalidade, ou de outros que não conseguem conter suas transformações físicas ou atingir os objetivos desejados. Imagem que remete à luta do escritor pela perfeição do texto. Este processo de reelaboração, e o movimento circular que produz, não é apenas temática da narrativa, mas também a busca pelo aprimoramento, a busca pela palavra exata, uma busca que refletirá em cada uma das ações dos seres ficcionais.

Dois pontos são importantes na obra de Murilo Rubião: 1) um processo de criação que está intimamente ligado à obra; e 2) contos e personagens que são variações de um mesmo¹. A partir destes dois pontos, podemos nos remeter à escrita como o elemento primordial para Murilo Rubião, mais do que a narrativa.

Sua principal fixação é conseguir romper o branco do papel. A angústia criativa é a temática principal de algumas de suas cartas ao escritor Mário de Andrade, publicadas no livro *Mário e o Pirotécnico Aprendiz*.² O escritor dirá que “escrever é a pior das torturas” e que as palavras eram

¹ Estas reflexões tiveram por base o livro de Jorge Schwartz, *Murilo Rubião: A Poética do Uroboro*. São Paulo: Editora Ática, 1981 e a dissertação de mestrado de Sandra Nunes, *Murilo Rubião: escrita e reescrita*. São Paulo: Pontifícia Universidade Católica, 1996.

² Moraes, Marcos Antonio (Org.). *Mário e o Pirotécnico Aprendiz. Cartas de Mário de Andrade e Murilo Rubião*. Belo Horizonte: Ed. UFMG; São Paulo: IEB-USP; São Paulo: Ed. Giordano, 1995.

arrancadas de si “a poder de força e alicates”: “Construo meus ‘casos’ em poucos segundos. E levo meses para transformá-los em obras literárias”.³

O gesto de escrever e reescrever seus contos, que acaba se refletindo em um fazer que não chega a ponto algum, sempre apontando para o infinito, nos remete a “algumas das figuras mais ambicionadas pelo autor moderno: criação, pureza e literalidade”.⁴ Um traço próprio da modernidade é o desejo de fazer o texto de coincidir consigo mesmo, ou a tentativa de apagar “a distância temporal que existe sempre entre o autor e a escrita”,⁵ para que o lapso existente entre expressão e forma seja reduzido. Do ponto de vista dos textos da modernidade, “a literatura transforma a escrita simultaneamente em um ato e na interpretação deste ato, com o qual ela não é jamais capaz de coincidir. Como toda forma de consciência em busca da compreensão de si mesma, a literatura, então, vai manifestar uma certa nostalgia por modelos mais simples de explanação, estágios anteriores ou formas ‘naturais’ da verdade que se transmutam, agora, sem intermediários, para a linguagem direta do presente. E um dos traços mais vigorosos do modernismo é mesmo a asserção da literalidade”.⁶

O conto “Marina, a Intangível” parece ser o melhor exemplo desta angústia criativa. Há uma relação entre o “narrador-criador” do conto (José Ambrósio) e o “autor-narrador” Murilo Rubião.⁷ O conto traz a luta do escritor José Ambrósio para escrever alguma coisa e quebrar o vazio da folha em branco. A espera por Marina pode ser relacionada à espera pela inspiração, pela criação poética. José Ambrósio luta por um fazer poético, por realizar a sua escritura, por escrever o poema para Marina. Esse escritor angustiado se metamorfoseará nas diversas personagens e suas buscas dentro da obra de

³ Ibid, p. 40.

⁴ Nestrovski, Arthur. “Repercussões de Joyce”. *A Semana de Arte Moderna: Desdobramentos. 1922-1992*, p. 67.

⁵ Ibid, p. 67.

⁶ Ibid, p. 67.

⁷ Schwartz, Jorge. *Murilo Rubião: a Poética do Uroboro*. São Paulo: Ática, 1981.

Murilo Rubião. Neste conto ao mesmo tempo em que se fala sobre a impossibilidade de construção de um poema, o texto vai sendo construído. Esta personagem ou “arquipersonagem” sintetiza as ações e atributos das demais.

Escrever o poema para Marina é a tentativa de tocar numa dimensão que não consegue ser tocada; significa tentar dizer o indizível. É a imagem da impossibilidade de tocar o real, da impossibilidade de fazer palavras e coisas coincidirem, da impossibilidade de coincidência entre o ato da escrita e a interpretação deste ato.

Jorge Miguel Marinho, assim como Murilo Rubião, tem sua obra pertencente ao gênero fantástico. Em função dessa opção, Marinho foi comparado, por alguns críticos, ao escritor mineiro.

O escritor Murilo Rubião tem como gesto marcante em sua obra a escrita e reescrita. Como já dissemos anteriormente, este gesto coincide com o desejo do escritor moderno de anular o intervalo entre palavras e coisas. Em Jorge Miguel Marinho podemos ver a mesma imagem: a de um escritor que tem a escrita como desejo subliminar de sua obra. De forma menos angustiada, esse escritor vê o mundo como um grande livro. A frase “existe coisa mais fantástica do que a vida real?” permeia a sua obra e literatura de outros fantásticos como Murilo Rubião, Julio Cortázar, Gabriel García Márquez, Jorge Luis Borges e Alejo Carpentier. O fantástico na vida. O mundo como forma de leitura, e se há leitores para o cotidiano é porque existem os que sempre o escrevem e reescrevem. Mas o gesto de Jorge Miguel não é um gesto de escrita e reescrita como o de Murilo Rubião; é exatamente o oposto. Jorge não reescreve seus contos, reescreve o mundo. Reescreve personagens do cotidiano, reescreve

mitos da música, do cinema, da vida. Reescreve tudo o que vive e lê; e parece não desejar chegar ao final de sua escrita, prolongando ao máximo o desfecho de seus contos.

O livro de contos *Mulher Fatal*⁸ pode ser visto como um exemplo desta reescrita da vida. Desta coletânea, o conto mais significativo como imagem dessa paixão pela escrita é “As Mil e uma Noites de Edith Piaf”. Nele é narrada a história de uma prostituta Raquel, que se diferencia das demais por ter a música presente em seu corpo. Isto a torna objeto de desejo de grande parte dos clientes da casa. Tocando o seu corpo o outro pode ouvir uma música suave que emana de suas mãos, seios, pernas. Esta mulher-musical tem como paixão a música e a vida de Edith Piaf. Um dia aparece um estranho cavalheiro, que pede a dona do prostíbulo que cada dia lhe envie uma moça diferente para passar a noite com ele. Na manhã seguinte, ele lhes envia flores e pede que não retornem nunca mais. Todas as moças se apaixonam, sem a esperança de voltar a ver o desconhecido e de mais uma vez passar a noite com ele. Raquel, no entanto, consegue quebrar essa rotina de mortes lúdicas. E através da história, ou do contar a história, de Edith Piaf tem suas noites prolongadas.

Impossível não associar o conto às *Mil e Uma Noites*. Raquel é uma Sherazade dos tempos modernos. Sua “morte” é prolongada pelo desejo de um leitor sedento por uma nova história. Mas essa não é a única referência a outros textos: Raquel vem do maior de todos: a Bíblia. O conto dialoga com outras histórias, Edith Piaf é mais uma destas personagens femininas presentes na grande literatura do mundo e da vida e que passa para os livros.

Além do diálogo com a literatura, há o diálogo com a música. A musicalidade não faz só parte do corpo de Raquel, faz parte do texto. Jorge parece colocar na sua escrita o desejo de não terminar

⁸ Marinho, Jorge Miguel. *Mulher fatal: histórias de sabor explícito*. São Paulo: Nova Alexandria, 1996.

jamais essa canção. Uma característica da obra do autor são os grandes parágrafos e o adiamento do desenvolvimento da narrativa; há um desejo de prolongá-la ao máximo, para viver cada palavra escrita mais intensamente.

Neste conto, o verbo contar - Conta-se que - é repetido diversas vezes até iniciarmos a história. Esta repetição acentua a imagem do contar uma história e dos contos orientais aí embutidos.

Aí está o ponto de contato não só com Murilo Rubião, mas também com os escritores da modernidade como um todo: a ambição pela literalidade ou o desejo de coincidir palavras e coisas. Desejo impossível que condena a dizer as coisas por comparação.

O desejo de tocar o impossível permeia a escrita. O corpo de Raquel não consegue ser tocado completamente, pois há uma outra linguagem como intermediária: a música. As noites de Edith Piaf, narradas pela personagem, serão sempre sem fim na lembrança de Raquel, que as usará para dar continuidade a sua própria existência, para dar continuidade à própria noção de literatura que é esse constante remeter a uma outra coisa.

Esse processo de deslocamento passa da escrita à leitura, já que uma pressupõe a outra. Assim voltamos à idéia da caixa chinesa ou a de um texto que contém outro texto. Raquel traz a história de Piaf, que é a sua própria história, para que o tempo passe sem que se tenha noção dos dias: “O tempo passou sem nenhuma noção dos dias, apenas avançando nas noites de prazer e narrativa”. Onde termina a história de Piaf começará a de Raquel, a tecelã das noites, imagem do próprio escritor, tecelão da literatura.